

Floresta de rico

Categories : [Marcos Sá Corrêa](#)

O mundo parecia bem mais simples, no tempo em que os brasileiros podiam ir ao cinema e ver, nos jornais da tela, os tratores do governo Juscelino Kubitschek derrubando árvores no sertão impenetrável. Não precisava explicar. Aquela era a imagem do progresso que instantaneamente a platéia reconhecia, rasgando o caminho da marcha para o Oeste. As coisas se dividiam entre países atrasados, abafados em florestas, e países desenvolvidos, que não tinham florestas, mas tinham todo o resto. Para ir de pobre a rico, o primeiro passo era abrir um atalho na selva.

Era. A miragem do desenvolvimentismo otimista predatório sofreu esta semana um rude golpe. [Caiu-lhe em cima um relatório chancelado pela Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos](#). É curto e grosso, com três parágrafos só de equações. Cabe em cinco páginas, descontadas a capa e a bibliografia. Como o artigo em que a Ministra Marina Silva declarou que o Brasil sabe cuidar sozinho da Amazônia, tem vários autores. Seis, para ser preciso, incluindo um chinês, um finlandês e um escocês. Pelo visto, o nativismo florestal anda fora de moda.

Identidade da floresta

Na hora em que o governo brasileiro comemora uma queda no ritmo anual de desmatamento da Amazônia, obtida pela comparação com recordes históricos de devastação, o sexteto de cientistas acaba com a conversa de que o planeta está se desflorestando de alto a baixo. Essa é a impressão de quem vê o mundo filtrado pela fumaça das queimadas. Os autores apresentam um novo critério de avaliação, mais rigoroso.

Em vez de medir do alto o que resta de chão tapado por árvores, calculam a densidade dessas coberturas vegetais, estimando o que acontece sob as copas. Se ali embaixo se produz madeira ou folhagem. Se cresce o potencial econômico de sua massa. E se está na idade certa de seqüestrar carbono. Ou seja, estuda-se a sua “identidade”.

O relatório vem cheio de boas notícias, para quem está do lado certo das tabelas que monitoram a saúde florestal de 50 países. Boa parte do planeta reflorestou-se nos últimos 15 anos. E não só o que se poderia chamar de parte boa, como a Dinamarca, os Estados Unidos, a França ou o Japão. Países complicados como a Índia, a República Dominicana, a Rússia ou o Vietnã também deram um jeito de virar o jogo. Até China, voraz consumidora de madeira alheia, refloresta mais do que corta. A Alemanha, que dobrou o tamanho das florestas ainda na Idade Média, sequer precisou plantá-las. Elas cresceram por dentro, adensando-se.

Renda per capita

Dos países que entraram na amostra, 22 melhoram desde o começo da década de 90. Trata-s, em

geral, de sociedades que ultrapassaram o patamar dos US\$ 4.600 de renda per capita. Elas tendem a cruzar de volta a fronteira da devastação. O mato, pelo visto, está virando um novo símbolo de progresso material. Há transições que começaram no século 19. É o caso dos estados do Massachusetts, Pennsylvania, Ohio e Illinois, pioneiros da industrialização e da urbanização nos Estados Unidos. Em 100 anos, suas florestas avançaram 50%. A Coreia do Sul quadruplicou seu estoque de árvores desde 1970, em pleno salto de tigre asiático.

Cada povo chegou lá com seu próprio estilo. Nos vales prósperos da Europa, a agricultura ganhou tanta eficiência que precisa de menos terras para colher mais, concentrando-se em vales férteis. El Salvador, que não tem recursos a esbanjar, usou até cercas vivas e bosques urbanos para cobrir suas vergonhas. O que não muda de um lugar para outro é a presença de um governo capaz de aplicar leis e tocar programas coletivos.

O documento traz outras notícias alvissareiras, pelo menos para quem está no lado certo de suas estatísticas. A exploração de madeira em florestas nativas, por exemplo, parece estar com os dias contados. Os países desenvolvidos de clima temperado garantem 70% da madeira que o mundo usa para tudo, inclusive como lenha. O Brasil, a China e a Índia dividem meros 15% do mercado internacional. Prevê-se para 2050 uma queda de 42% no comércio de madeira nativa de origem tropical. Logo agora que o governo brasileiro pretendia conter o desmatamento na Amazônia com a abertura das florestas nacionais às madeireiras amigas. É o preço de entrar para o clube internacional da derrubada, onde brilham a Indonésia, o Sudão, a Mongólia e a República Centro Africana.